Padre Cícero Romão

Lívio Sobral

CAPÍTULO II

SONHO FATÍDICO

Houve, logo no alvorecer do seu ministério, um fato íntimo, que ele me referiu confidencialmente e explica, em parte notavel, o desnorteamento de sua carreira apostólica.

Uma vez recebidas, em Fortaleza, as derradeiras ordens sacras, o jovem levita foi passar, como de praxe, alguns meses ao lado da família, no Crato, sua cidade natal. E já pelo desejo de benfazer, já para satisfazer instantes pedidos de moradores de Juazeiro, dentro em pouco estava o padre Cícero celebrando missa, aos Domingos, naquela minúscula povoação, que teria de se transformar na Meca dos sertões nordestinos.

Trinta quilômetros, entre ir e voltar, eis a jornada que ele precisava vencer, semanalmente, para cumprir a obrigação assumida. Ia no Sábado ainda cedo e ficava o resto do dia, até perto das dez da noite, no interior da capelinha local, doutrinando e confessando os fiéis. E, quando se erguia do confissionário, era para rezar o Ofício Divino, ocupação que só abandonava à meia-noite, vencido pelo sono.

A casa reservada para o seu pernoite ainda hoje existe, vis-à-vis da atual matriz, e, nos dias uteis, servia de recinto para a única escola local. Constava o seu mobiliário de uma mesa comprida, ladeada por dois bancos de aroeira e tendo à cabeceira uma cadeira de couro, onde pontificava o mestre-escola. Contígua à sala de aula, havia uma alcova minúscula, onde ficou dormindo o padre Cícero.

Foi numa dessas noites que o jovem levita, dominado pelo cansaço e talvez ainda com o breviario à mão, adormeceu e viu desenrolar-se mentalmente, como numa fita cinematográfica, a cena que passo a descrever.

Do lado da igreja fronteira fazia-se ouvir um sussurro estranho. Era nada mais nada menos do que o próprio Jesús-Cristo, que,

acompanhado dos apóstolos, deixara o templo e, confabulando com os mesmos, em tom de grande interesse, se dirigia exatamente para a casinha de sua hospedagem. Alí chegado, entrou para a sala com a veneranda comitiva e tomou assento na cadeira, enquanto os apóstolos se instalavam aos lados, nos bancos designados aos alunos.

Nos primeiros instantes, nada lhe foi dado compreender, e, embora tivesse ímpetos de ir escutar o colóquio, temeu ser indiscreto e sofreou a curiosidade.

Eis senão quando, o Divino Mestre, sempre solene, alteia a voz, como a declarar findo o carater reservado das confabulações. E foi então que o piedoso levita criou coragem e foi colocar-se de pé, bem atrás do Salvador, que continuou falando assim:

— Tenho empregado todos os meios para salvar o mundo. Meu sangue, entretanto, vai ficando inutil para a maior parte, por que os homens não querem saber da Verdade. Tentei agora um supremo esforço de minha misericórdia: a devoção universal que traz o nome de meu coração... E, se o mundo desdenhar este novo oceano de meu amor, eu destruirei o mundo.

E, encerrando o discurso, bateu com força na mesa, fazendo estremecer toda a assistência.

Voltando-se, então, para o padre Cicero, acrescentou:

— Você, Cícero, está vendo aquela gente?

O eclesiástico abriu os olhos e, com surpresa, avistou uma massa compacta de pessoas, na maior parte desconhecidas, que enchiam a rua e olhavam curiosas para o interior da habitação.

— Tome conta deste pobre povo [rematou Jesús-Cristo] e fique aquí cuidando de sua salvação.

Em obediência a semelhante imperativo, poucos meses depois ia o futuro patriarca residir definitivamente em Juazeiro, provisionado capelão do lugarejo.

— Se Deus em pessoa me botou aquí [pensava ele], só Deus pode me retirar. Sempre é mais seguro obedecer a Deus do que aos homens.

Era este o seu argumento e supremo refúgio.

Só assim se explica que, numa época tão recuada, quando a escassez de ministros da religião era tamanha e ainda maior a escassez de cultura no clero, aquele sacerdote inteligente e piedoso se resignasse a ficar sepultado no alto sertão, onde a ignorância religiosa rivalizava com o desconforto e onde as rendas da capelania mal podiam dar-lhe com que comer e vestir pobrissimamente.

Por que o capelão de Juazeiro era, já então, um sabedor de história, um moralista aprumado, um estudioso da Sagrada Escritura e um pregador atraente e doutrinário, se bem que despido de

qualquer atavio oratório. Alem de rara penetração mental, ele possuia uma memória de anjo, só comparavel, no Ceará, à memória de João Brígido dos Santos, o cabeça-guarda-tudo. E tinha posto estes dotes a serviço daquelas três disciplinas, que exerciam, sobre o seu espírito curioso, uma verdadeira fascinação. Nos tempos de estudante, enquanto os colegas se recreavam e dormiam as primeiras horas da noite, Cícero Romão Batista, excêntrico e duro de sono, mergulhava o espírito na vasta biblioteca do seminário, lendo obras de erudição, lendo com afã grandes padres da Igreja, de quem falava como quem os andasse folheando com frequência.

Já então o moço seminarista revelava, embrionariamente, certas notas do seu temperamento, que inquietavam o reitor da casa, padre Pedro Chevalier, educador sagaz e notavel modelador do clero na Terra-da-Luz.

Nas aulas de teologia, vez por outra, o singular estudante se batia com ardor por uma opinião que não era herética, porem era incontestavelmente ousada. E não raro discutia com o próprio professor, revelando uma vivacidade e agudeza que deixava entrever a projeção de sua mentalidade e o perigo de um futuro desvio, na hipótese de vir a apaixonar-se por alguma ideologia extravagante.

Considerado em si mesmo, aquilo bem pouco valia; mas era o indício de um carater libertário, demasiado confiante nas suas luzes pessoais e quiçá propenso a atitudes escorregadias, no entrechoque da vida cá fora.

Houve uma memoravel aula de teologia, em que se discutiu a natureza do sangue que, de longe em longe, tem aparecido na hóstia consagrada. Seria apenas um sangue miraculoso, manifestado com o fim de nos fortalecer a fé? ou seria o próprio sangue do Redentor, outra vez derramado para a salvação do mundo?! Contrariamente à decisão do lente, Cícero esposou a opinião que sustentava a identidade do sangue de Jesús-Cristo.

Foi em vão que o padre Pedro Chevalier invocou o clássico texto do apóstolo São Paulo: "O Cristo, uma vez ressuscitado dentre os mortos, já não morre." Aliás, deitar sangue é sintoma de morte, por que é sofrer fisicamente.

A cousa assumiu tal feição, que o reitor do seminário não se atreveu a apresentar o estudante em apreço para a recepção de ordens sacras. Semelhante responsabilidade foi assumida integralmente pelo Diocesano, que não viu naquilo grande monta, e consagrava, bem ao contrário, particular estima ao candidato impugnado.

Não era só no que deixamos exposto que se estribavam os receios do prudente reitor. Do aludido seminarista, rezavam-se

umas tantas cousas, que denunciavam nele algo de anormal e talvez patológico.

Diziam colegas que ele lia, perfeitamente, da praia, o letreiro de navios ancorados no mar, diante de Fortaleza, embora distassem da terra cerca de meio quilômetro. Que, tendo ido banhar-se com outros alunos, combinaram entre si tomarem um mergulho, para saberem quem tinha maior folego. Todos voltaram à tona depois de curtos minutos, porem Cicero não aparecia. Alarmados e já convencidos da morte deste, os condiscípulos tomaram a roupa e já iam dar parte da triste ocorrência, quando o suposto afogado botou a cabeça, estranhando muito o alarma dos companheiros.

Esta versão, o padre Cicero, decorridos muitos anos, confirmou-a, tal qual, a meu primo Manuel Gonçalves Sobreira. Dizia-se tambem que Cicero, por excêntrico ou tresnoitado de tanto ler fora de hora, tinha sido encontrado, no banheiro, dormindo no chão, quando já o consideravam desaparecido. Que, de regresso do Crato, onde havia passado as férias, o jovem clérigo, mal apeado, deixara, no portão do seminário, a própria cavalgadura ainda selada, e, tendo-a esquecido de todo, a mesma levara descaminho com os respectivos arreios. E, como lhe perguntassem os sinais do animal, ele respondia, somploriamente, que o tinha marcado com o próprio nome, feito à tinta...

A final, estava ordenado em 1870, e já em pleno exercício do sacerdócio, o padre Cicero Romão Batista. Mais alguns dias e o encontraremos na indesejavel aldeia que era Juazeiro.

(Continua)